

4

A obra de arte como escrita da história: entre memória, corpo e violência

Alexandre Santos (UFRGS)

Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Sheila Cabo Geraldo (UERJ)

O simpósio propõe o debate de leituras históricas e críticas de obras de arte contemporâneas relacionadas a políticas da memória como elemento que propicia a escrita da história mais ampla, assim como da própria história da arte. O foco principal pretendido se concentra em produções artísticas relacionadas às questões da violência e do corpo, sobretudo no Brasil, que vivenciou um longo período de escravidão e, tal como outros países da América Latina, sofreu a violência e o terror das ditaduras civis e militares.

Qual história da arte seria necessária para dar conta da memória que a violência escravista e política deixa e como os artistas contemporâneos articulam simbolicamente essas marcas, presentes no corpo subjetivo e também no corpo social?

O que se propõe é a configuração de debates que pensem a relação entre o corpo submetido à violência, a produção de arte e os registros de memória, questões que implicam, como escreveram Stuart Hall^[1] e Andreas Huyssen^[2], reflexões sobre as marcas do terror colonialista e a sua permanência no mundo sob a perspectiva do debate pós-colonialista.

Tratando dos movimentos transnacionais nos discursos de memória e violência, Huyssen identifica uma relação muito íntima entre os grandes traumas da história ocidental, como o Holocausto dos judeus e a violência colonialista. As marcas nos corpos e mentes da violência colonial estão exemplarmente simbolizadas nos trabalhos do artista sul-africano Willian Kentridge ao tratar da dominação colonial dos brancos, da violência racista e do exílio judaico, mas também nas proposições de Doris Salcedo, ao enfrentar a violência cotidiana da Colômbia. Diretamente relacionadas ao corpo violentado da mulher indígena guatemalteca, vítima do terror colonial, se situam as *performances* da artista Regina José Galindo, do mesmo modo como são violentados os corpos

das mulheres negras escravizadas, reativados e denunciados no trabalho da brasileira Rosana Paulino. Entretanto, para refletir sobre a produção de objetos artísticos nesta ordem, irremediavelmente permeados pela cultura da memória e da violência colonial e pós-colonial, é importante atentar para um possível bloqueio da imaginação, que impeça o vislumbramento de futuros alternativos. É para superar essa paralisia que Walter Mignolo^[3] aponta para os conceitos de (des)colonização, pensamento fronteiriço e desobediência epistemológica, assim como os teóricos *queer* vislumbram a necessidade de gerar contradiscursos sobre o real, e sobretudo a respeito do corpo, como estratégia para desestabilizar a crença nos discursos oficiais.

[1] HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

[2] HUYSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto/MAR, 2014

[3] MIGNOLO, Walter. *Geopolítica da sensibilidade y do conhecimento: sobre (de)colonialidad, pensamiento fronterizo y desobediencia epistémica*, 2016
